

INFÂNCIAS

Nosso jeito de compreender e atuar junto às crianças:
posicionamento que ilumina, incentiva
e desperta possibilidades!

The background features a repeating pattern of horizontal lines in shades of blue, green, and yellow. Interspersed among these lines are small, stylized geometric shapes: triangles pointing left and right, and circles. The overall aesthetic is clean and modern.

“Em cada gesto e olhar das infâncias, enxergamos novos horizontes
e reconhecemos o quanto temos a aprender com cada uma delas.”

(UMBRASIL, 2016)

R314

Rede Marista. Comitê Infâncias da Rede Marista.

Infâncias / organizadores Maria Inete Rocha Maia; [autores] Loide Pereira Trois; Andreia Mendes dos Santos; Karen Theline Cardoso dos Santos da Silva. – Porto Alegre: CMC, 2018.

40 p. ; il. color.

ISBN: 978-85-93475-16-0

1. Infâncias. 2. Evangelização. 3. Posicionamento institucional.
4. Defesa dos direitos. I. Maia, Maria Inete Rocha. II. Rede Marista. III.
Trois, Loide Pereira. IV. Santos, Andreia Mendes dos. V. Silva, Karen
Theline Cardoso dos Santos da, VI. Título.

CDU 159.922

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Patrícia Saldanha CRB10/1666

POSICIONAMENTO

Nosso jeito de compreender e atuar junto às crianças:
posicionamento que ilumina, incentiva
e desperta possibilidades!

INFÂNCIAS

RAZÕES PARA UM POSICIONAMENTO SOBRE INFÂNCIAS

O Instituto Marista carrega em sua missão originária o compromisso de cuidar da vida através da educação de crianças, adolescentes e jovens. Para Marcelino Champagnat, o educar está intimamente ligado ao amor, que se traduz em cuidado, presença e afeto. Uma educação que tem essas características como ponto de partida oferece um itinerário educativo que proporciona o desenvolvimento humano em todas as dimensões.

O XXII Capítulo Geral, ocorrido em setembro de 2017, na Colômbia, afirma que, para garantir a vitalidade e viabilidade da missão, precisamos ser faróis de luz e esperança. Os princípios assumidos para um novo começo desafiam a responder ao cla-

mor das crianças, adolescentes e jovens de forma nova e criativa, desenvolvendo iniciativas de empoderamento, proteção e defesa dos direitos enquanto compromisso coerente com o cerne evangelizador da nossa missão.

Sabemos que as crianças têm espaço privilegiado no coração da missão marista, mas, em meio às mudanças do mundo contemporâneo e às muitas formas de compreender essa etapa da vida, é preciso reforçar as concepções de infâncias. Entendemos que esse posicionamento dialoga com nossos valores e responde à necessidade de dar novo vigor às nossas relações educativas evangelizadoras com as crianças.



Este documento tem o intuito de reafirmar, enquanto Rede Marista, as concepções que defendemos sobre as infâncias, bem como nossa opção evangelizadora nos diversos espaços de missão, reconhecendo a importância das infâncias no âmbito eclesial e social. Para tanto, faz-se necessário reafirmar que “a educação evangelizadora pressupõe o *espaçotempo* dos direitos como uma possibilidade para garantir às crianças um desenvolvimento humano, social, político, cultural e espiritual, em um ambiente educativo que ofereça respeito, proteção, amor, justiça e solidariedade” (UMBRASIL, 2016, p. 81).

No desejo de iluminar, incentivar e despertar possibilidades, o Comitê Infâncias da Rede Marista, ao ampliar o entendimento do contexto das infâncias, apresenta o jeito marista de compreender e atuar junto às crianças.

**PARA COMEÇO DE CONVERSA:
(RE)CONHECER, COMPREENDER, COMPROMETER-SE!**

(Re)conhecer as infâncias

A etimologia da palavra *infância*, de origem latina, composta pelo prefixo *in*, que indica negação, e *fante*, presente do verbo *fari*, que significa falar, revela-nos uma compreensão da criança: sem fala, sem voz, sem capacidade para se expressar. No processo histórico de construção desse conceito, a criança – aos poucos – sai do anonimato, da quase invisibilidade, para se constituir sujeito de direitos. Desde então, as infâncias são reconhecidas como uma categoria social, com suas especificidades, seu modo distinto e constitutivamente plural.

A definição de *infância* é caracterizada por um conjunto de saberes, discursos e conhecimentos constituídos socialmente, relacionados à primeira etapa da vida. Já a *criança* é compreendida como o sujeito que se encontra no período de 0 a 12 anos, e se refere ao desenvolvimento do indivíduo em sua unicidade que produz cultura e interroga os modos de relação existentes no mundo. São sujeitos concretos que vivem e habitam a infância. Seres que, em um *espaçotempo* presente, aprendem e se desenvolvem por meio das interações com os outros e com os objetos do mundo.

[...] a infância é o acontecimento que impede a repetição do mesmo no mundo. Somos nascidos a cada vez que percebemos que o mundo pode nascer novamente e ser outro, completamente distinto daquele que está sendo. O nome de uma faculdade chamada criação, transformação, revolução; isso é infância (KOHAN, 2007, p. 112).

Para Souza (2007, p. 7), “a criança é um sujeito social, investigado, observado e compreendido a partir de perspectivas investigativas e teóricas distintas”. Essas concepções advindas de vários campos como a psicologia, a sociologia e a educação, demarcaram as ideias que atualmente legitimam as definições sobre a criança e as infâncias. Segundo a autora (SOUZA, 2007), esses componentes não são apenas o pano de fundo das representações sociais, pelo contrário, são protago-



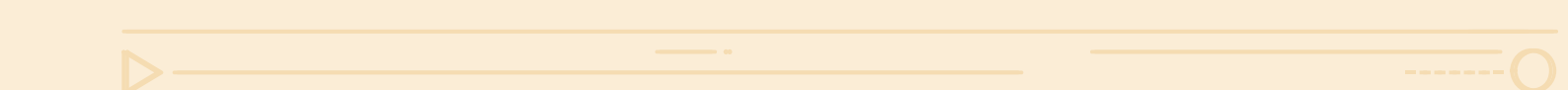


nistas das relações que estabelecem, no dia a dia, com pais, professores e outros sujeitos.

Faria e Salles (2007, p. 44) afirmam que:

Considerar a criança como sujeito é levar em conta, nas relações que com ela estabelecemos, que tem desejos, ideias, opiniões, capacidades de decidir, de inventar, que se manifestam, desde cedo, nos seus movimentos, nas suas expressões, no seu olhar, nas suas vocalizações, na sua fala. É considerar, portanto, que essas relações não devem ser unilaterais – do adulto para a criança –, mas relações dialógicas – entre adultos e criança –, possibilitando a constituição da subjetividade da criança como também contribuindo na contínua constituição do adulto como sujeito.

De acordo com a Legislação brasileira, a infância é compreendida como o período que inicia no nascimento e perdura até os 12 anos de idade. Observamos que o Brasil




vem amadurecendo no processo de atenção às crianças e às infâncias, desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), exigindo maiores cuidados com essa etapa da vida.

Buscando compreender o desenvolvimento humano em sua integralidade, é fundamental agregarmos as contribuições de grandes estudiosos como Jean Piaget (1896-1980), Lev Vygotsky (1896-1934) e Henri Wallon (1879-1962) que se aprofundaram na questão. Piaget (1896-1980) apresentou a gênese da inteligência a partir de quatro estágios de estruturação do pensamento: período sensório-motor (0 a 2 anos), pré-operatório (2 a 6/7 anos), operatório-concreto (7 a 11/12 anos) e operatório formal (a partir de 12 anos), enquanto que Wallon (1879-1962) e Lev Vygotsky (1896-1934) contribuíram ex-

plícando a importância da dimensão afetivo-corporal e sociocultural para o desenvolvimento infantil. Essas teorias colaboraram para a construção de nossa percepção sobre as infâncias.

Além desses, cabe ainda ressaltar Sarmiento (2007, p. 29), ao salientar que “[...] no interior do mesmo espaço cultural, a variação das concepções da infância é fundada em variáveis como a classe social, o grupo de pertença étnica ou nacional, a religião predominante, o nível de instrução da população [...]”. Por isso, ao nos referirmos à infância, acreditamos na coerência de falarmos em *infâncias*, no sentido de pluralidade, demonstrando assim a compreensão de que a infância se relaciona diretamente ao contexto em que a criança está inserida. Assim, diante dessa diversidade, não podemos restringir a infância



a um universo singular. Por outro lado, ao falar de criança, precisamos ter a consciência de que essa etapa da vida é marcada por características que lhe são peculiares e que, ao valorizar o contexto da infância de uma criança, reconhecemos que ela tem necessidades e características próprias.

As crianças possuem uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Nas interações que estabelecem desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que as circunda, as crianças revelam seu esforço para compreender o mundo em que vivem, as relações contraditórias que presenciavam e, por meio das brincadeiras, explicitam as condições de vida a que estão submetidas e seus anseios e desejos (BRASIL, 1998).

Ainda, para a Antropologia da Criança, de acordo com Cohn (2005, p. 21), esse

modo distinto de ver e compreender a infância é reafirmado:

[...] ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados, ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na definição de sua própria condição. Seres sociais plenos que ganham legitimidade como sujeitos [...] A diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil de 1998 (DCNEI) a concepção de criança confirma que elas são seres humanos portadores de todas as melhores potencialidades:

[...] inteligentes, curiosas, animadas, brincalhonas em busca de relacionamentos gratificantes, pois descobertos entendimen-

to, afeto, amor, brincadeira, bom humor e segurança trazem bem-estar e felicidade; tagarelas, desvendando todos os sentidos e significados das múltiplas linguagens de comunicação, por onde a vida se explica; inquietas, pois tudo deve ser descoberto e compreendido, num mundo que é sempre novo a cada manhã; encantadas, fascinadas, solidárias e cooperativas desde que o contexto ao seu redor e, principalmente, nós adultos/educadores, saibamos responder, provocar e apoiar o encantamento, a fascinação, que levam ao conhecimento, à generosidade e à participação (BRASIL, 1998).

Ser criança não implica em ter que viver um único tipo de infância (BARBOSA, 2009); elas não estão condicionadas às mesmas experiências. Nas suas diversidades, elas são completas, pois têm um corpo que sente, pensa, emociona-se, imagina, transforma, inventa, cria, dialoga e aprende, um modo de ser que produz história e cultura.





Ao observar a participação das crianças nos diversos contextos sociais, educativos e culturais, constatamos seu desenvolvimento nas etapas de ensino e de aprendizagem, de receptora para sujeito ativo e protagonista de suas descobertas. Isso nos leva a refletir sobre o lugar das infâncias nos processos educativos evangelizadores, compreendendo que esse é um período da vida com dimensões teológicas em que Deus se revela, se pronuncia e interpela nossa fé.

Diante disso, é preciso reconhecer e valorizar as infâncias em suas formas específicas de conceber, de produzir e de legitimar as experiências das crianças, compreendendo-as como sujeitos potencialmente capazes.

Compreender o lugar da criança no Instituto Marista

Toda a vida deles será um eco daquilo que você lhes tiver ensinado. Esforce-se, não poupe nada para formar à virtude seus corações (CHAMPAGNAT, 1997, p. 58).

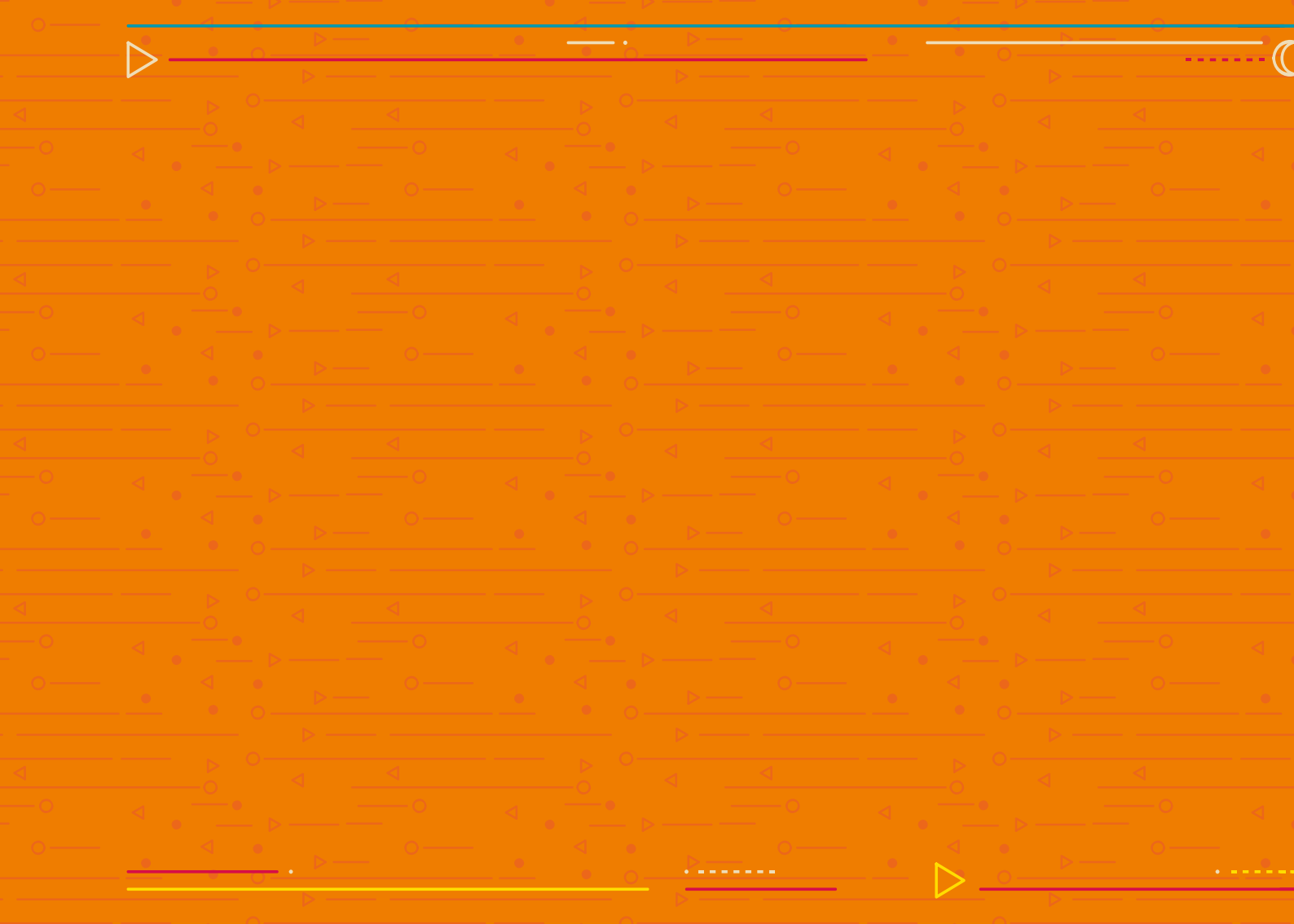
A opção preferencial por educar crianças, adolescentes e jovens inspirou Champagnat desde o início da missão marista no mundo. Ele os reconheceu como sujeitos de direitos, construtoras de novas culturas e com grandes capacidades para caminhar junto aos adultos, acreditando que poderiam participar ativamente de processos de mudanças sociais e na construção de uma nova sociedade.

Marcelino Champagnat viu nas crianças a possibilidade de, a partir do protagonismo de suas ações, promover mudanças de uma realidade social degradante e sofrida para

uma sociedade capaz de construir uma nova perspectiva do bem-viver. As crianças são para Champagnat os primeiros beneficiados do seu zelo, pois “convencido de que toda a vida depende dos princípios recebidos na juventude, cuidou especialmente das crianças, esforçando-se para lhes dar sólida instrução sobre as verdades da religião, formá-las à virtude e habituá-las nas práticas da piedade” (FURET, 1999, p. 36).

Não percam de vista o bem que puderem fazer; vejam com que empenho o salvador do mundo quer instruir os meninos: ordena a seus discípulos que deixem que as crianças se achem a sua divina pessoa (CHAMPAGNAT, 1997, p. 60).

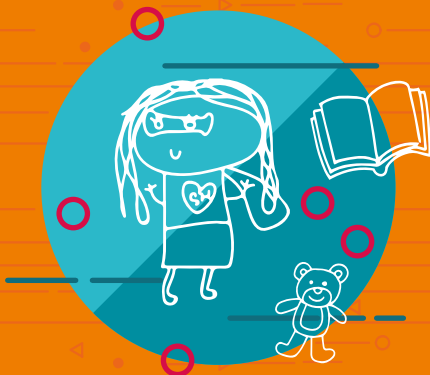
Inspirados na audácia de Champagnat, precisamos conhecer e compreender as infâncias contemporâneas e com elas construir uma sociedade de cidadãos comprometidos com a civilização do amor.





COMPROMETER-SE: NOSSO POSICIONAMENTO EM OITO PRINCÍPIOS.

Apresentar nosso posicionamento em oito princípios é, antes de tudo, um convite a uma profunda reflexão sobre nossa atuação e as possibilidades de qualificar a presença marista junto às crianças.



Reconhecer a criança
como plural e
construtora de cultura

1

INFÂNCIAS

 MARISTA

Tomando as infâncias como o lugar das crianças, entendemos que essa (a infância) se constrói e é construída pela criança a partir de suas experiências e descobertas. Nesse sentido, as infâncias são uma categoria potencialmente capaz da produção cultural das crianças a partir de espaços de observação, exploração, interação e escuta que se dá através de uma dinâmica de participação e do protagonismo infantil.

Nossa posição assegura as “culturas da infância”, identificando as crianças como formadoras de ideias. A criança “sujeito”, “cidadã” e “portadora de direitos”, bem como as infâncias, devem ser entendidas a partir do contexto em que vivem, e isso significa dizer que não são categorias universais e únicas. Percebemos as culturas infantis como o conjunto de expressões das crianças, que se manifesta essencialmente através da natureza lúdica.





Dialogar com a criança

2

Escutar é ouvir o outro com atenção, pensar e estar ciente das suas palavras. É ser receptivo, procurar a verdade do outro, tê-la em conta. Dialogar é estar disposto a descobrir que não estamos com a verdade. É compreender-se mutuamente. Os que dialogam saem dos seus mundos privados em busca de um mundo comum (GIER, 2014, p.38). Muito se questiona a criança, mas poucos param para ouvi-la. Quando fala, ela expressa seus sentimentos e compreensão do mundo, anuncia seus medos e inseguranças e ensaia a

realidade, a partir da fantasia. Através do diálogo, é possível entendê-la e incidir nas vulnerabilidades que atropelam a infância. Nesse sentido, é imprescindível o respeito ao espaço e ao tempo da criança. Fazemos a opção por uma educação para o diálogo, pois acreditamos que essa é uma atitude que promove a participação ativa das crianças, gerando relações positivas e dialógicas, mecanismo favorável ao crescimento e ao desenvolvimento saudável.





Proporcionar
espaços de partilha
e convivência

3

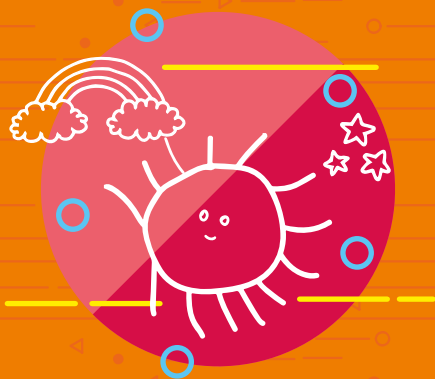
INFÂNCIAS

 MARISTA

A constituição da criança perpassa as experiências de interação social, partilha e convivência nos diferentes *espaçotempos*. Sempre é espaço e tempo de crescer, de aprender e de se desenvolver nas dimensões física, emocional, cultural, espiritual e intelectual. Reconhecemos a infância como *espaçotempo* no qual os sujeitos vivenciam experiências e interações que contribuem para a constituição de suas subjetividades estabelecendo diferentes relações e expressando as peculiaridades dos modos de

ser criança. Como forma de promover a vivência de valores e a dignidade humana, as dimensões educativas-pastorais se entrecruzam para além de conhecimentos e conteúdos tendo suas bases no anúncio do evangelho, no diálogo, no serviço e no testemunho de Jesus. Ao favorecer o diálogo, buscamos articular conhecimentos, saberes e práticas que potencializam o ato de evangelizar através da educação. Acreditamos na pedagogia da escuta que possibilita o relacionamento e a afetividade, pensando e colocando a infância em diálogo com o meio social e cultural, fomentando a curiosidade e o confronto entre diferentes perspectivas. Essa relação considera como ponto de partida o respeito à infância e à criança em sua pluralidade.



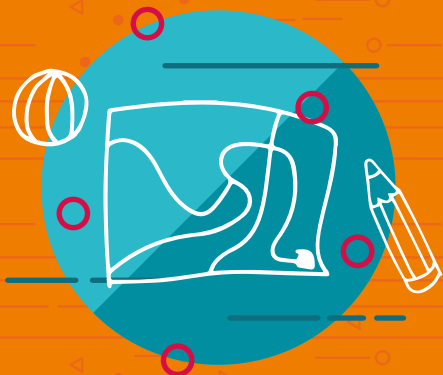


Celebrar a diversidade 4

Nos *espaçotempos* maristas, prezamos para que a diversidade seja respeitada e valorizada. A oportunidade de conviver com as múltiplas identidades deve ser celebrada, potencializando e contribuindo com uma relação de coexistência e aceitação mútua, centrada na cooperação e no cuidado, oferecendo oportunidades para que as diferenças agreguem valor ao desenvolvimento da criança e da sociedade.

Ao celebrar a diversidade, damos ênfase ao valor marista da solidariedade que orienta para o bem comum e para o esforço de construir relações e vivências que possibilitem o reconhecimento do outro como sujeito de direito, em uma relação de semelhança e empatia.





Promover e defender os
direitos das crianças

5

INFÂNCIAS



MARISTA

A Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança sintetiza as conquistas da humanidade em prol da infância e estabelece, como prioridade imediata para as nações, “a vida e o desenvolvimento normal das crianças, desvinculado de posições partidárias ou de mudanças políticas e econômicas” (PEREIRA, 1992). No Brasil, esses novos princípios foram incorporados na Constituição Federal de 1988, passando a exigir mudanças profundas no atendimento à criança. Posteriormente, com a promulgação do ECA (1990), a criança torna-se prioridade absoluta para a garantia dos direitos fundamentais, com impacto na rede de atenção à saúde, à educação e à assistência social, nos cuidados pela família, sociedade e poder público. Nesse contexto, buscando participar da construção de uma sociedade mais justa e fraterna, a Rede Marista, tem investido na consolidação de políticas institucionais de promoção, proteção e defesa das crianças. Alinhada aos princípios e à legislação que dão suporte às políticas protetivas, firmamos o compromisso de buscar a proteção integral das crianças, através do desenvolvimento da Pedagogia Marista, inspirada nos princípios de Marcelino Champagnat.





Fomentar o
protagonismo e a
participação infantil

6

INFÂNCIAS

 MARISTA

Em consonância com a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança (1989), que estabelece o direito à liberdade de expressão, reconhecemos que a criança é capaz de se expressar e, sendo assim, é fundamental garantir a participação nos ambientes educativos, entre os diferentes grupos e sujeitos, gerando um fluxo de compromissos assumidos por crianças e adultos conforme a possibilidade de contribuição de cada sujeito.

Nesse sentido, promovemos a participação das crianças como protagonistas e favorecemos espaços para que desenvolvam autonomia e construam a própria subjetividade, sendo capazes de conduzir processos individuais e grupais, conforme inspira o Projeto Educativo do Brasil Marista.





Reconhecer a
criança como
lugar teológico

7

INFÂNCIAS

 MARISTA

Um lugar teológico pode ser um evento, uma experiência ou uma condição de vida em que Deus se manifesta. Através das crianças, Deus se revela, se pronuncia e interpela nossa fé, nossa esperança e nosso amor.

A Sagrada Escritura nos lança as primeiras luzes para uma abordagem da criança como um lugar teológico, sob dois aspectos: quando Deus nos fala e nos interroga a respeito das crianças; e quando elas nos falam e nos interpelam a respeito de Deus. A combinação desses dois aspectos nos oferece um quadro luminoso: a criança como sujeito ou meio no qual Deus se revela e nos convida à relação com ele, apontando para uma opção decisiva de proteger e educar as crianças (UMBRASIL, 2016, p. 27).

Reconhecemos as crianças como filhas amadas de Deus e dedicamos a elas atenção, proteção, cuidado e respeito, assumindo um novo jeito de educar e evangelizar em que a criança é agente fundamental na vivência e propagação dos valores do Reino de Deus.





Valorizar o tempo e o
espaço do brincar

8

INFÂNCIAS

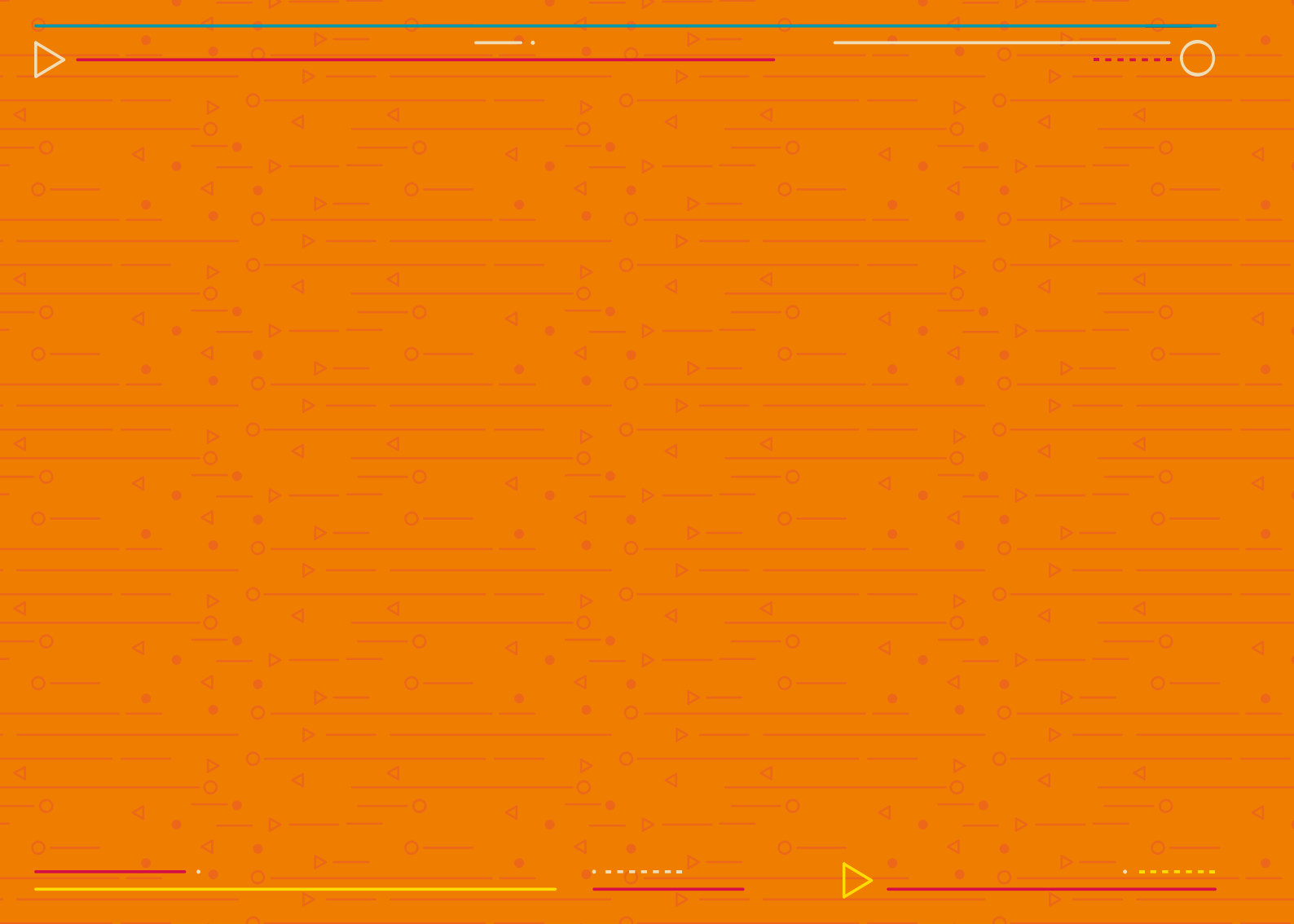


MARISTA

Compreendemos que brincar é uma atividade essencial no desenvolvimento das crianças. Enquanto brinca, ela imagina, interage e experimenta o mundo. Segundo Brougère (1998), o brincar é visto como um mecanismo psicológico que possibilita que as crianças criem acionando o universo da imaginação e da representação, isto é, a criança vai operando entre o mundo real e o imaginário de modo equilibrado e inter-relacionado. A brincadeira e o jogo simbólico estão na gênese do pensamento, da descoberta de

si mesmo, da possibilidade de experimentar e de transformar o mundo. A brincadeira, mesmo que tenha elementos naturais, é resultado de uma construção social. Brincando, a criança desenvolve os sentidos, adquire habilidades, reconhece e compreende objetos e suas características, aprende a negociar, a esperar e dialogar. Brincando, a criança entra em contato com o ambiente, relacionando-se com o outro, desenvolvendo a solidariedade e o respeito. Nosso posicionamento marista é de respeito e incentivo ao brincar e as brincadeiras.








E AGORA:
EVANGELIZAR, SENSIBILIZAR, CUIDAR E EDUCAR

The background features a repeating pattern of horizontal lines in various colors (blue, green, yellow, red, purple) and small geometric shapes like triangles and circles. At the top, there are two horizontal lines: a solid blue one and a solid white one. At the bottom, there are two horizontal lines: a solid yellow one and a solid red one. A white triangle points to the right at the top left, and a white circle is at the top right. A dashed red line is at the bottom right.

A inteireza da criança se manifesta em sua singularidade e, ao mesmo tempo, na pluralidade de formas de se vivenciar a infância.

Como maristas, assumimos o compromisso de considerar a integralidade e individualidade de cada criança, promovendo seu desenvolvimento integral e valorizando o diálogo, a sociabilidade, o cultivo da espiritualidade e da solidariedade. Reafirmamos nossa intenção de promover uma escuta atenta e afetiva das crianças, a garantia do direito ao brincar e a efetivação de espaços que acolham e proporcionem aprendizagens inovadoras, criativas e coerentes com os valores maristas.

Nosso foco está no cuidado com as infâncias, no compromisso evangelizador de ser presença educativa que proporciona às crianças oportunidades de construir significados pessoais para a vida, bem como abertura e sensibilidade ao sagrado.



Trata-se de sensibilizar para uma transformação nas maneiras de ver, sentir, conhecer e relacionar-se com as crianças, oferecendo meios adequados e favoráveis para que possam *ser criança*.

Esse posicionamento da Rede Marista sobre as infâncias exige, nos diferentes espaços de nossa missão, uma postura de compromisso com a formação de sujeitos para atuarem como mediadores sociais. Não basta, contudo, uma nova visão sobre as crianças, é preciso qualificar a nossa prática para que ela seja simultaneamente compatível com a fidelidade à nossa missão marista em meio ao mundo multicultural, conectado e global, comprometendo-nos com a promoção das infâncias.

REFERÊNCIAS

ANCED. *II Relatório Alternativo sobre a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança*. Disponível em: http://www.anced.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Resumo-Executivo-CDC_Anced-2014.pdf. Acesso em: 30 de julho de 2018.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Práticas cotidianas na educação infantil - bases para a reflexão sobre as orientações curriculares*. Brasília: MEC, 2009.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Presidência da República. 5 de outubro de 1988. Brasília, DF

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Educação. *Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação*. Parecer CEB 022/98. Brasília: MEC, 1998.

BROUGÈRE, G. *Jogo e educação*. Porto Alegre: Artes médicas. 1998.

CHAMPAGNAT, Marcelino. *Cartas*. São Paulo: SIMAR, 1997.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FARIA, Vitória; SALLES, Fátima. *Currículo na Educação Infantil: Diálogo com os demais elementos da Proposta Pedagógica*. São Paulo, SP. Ed. Scipione, 2007.

FURET. Jean-Baptiste. *Vida de São Marcelino José Bento Champagnat*. São Paulo: Loyola, SIMAR, 1999.

KOHAN, Walter. *Infância entre educação e filosofia*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2007.

PEREIRA, Tânia da Silva. *A Convenção e o Estatuto: ideal comum de proteção ao ser humano em vias de desenvolvimento*, 1992b. Disponível em: <http://www.abmp.org.br/textos/409.htm>. Acesso em 9 de maio de 2018.

PROVÍNCIA MARISTA COMPOSTELA. *GIER - Documento base de Espiritualidade*. Espanha, 2014.

PROVÍNCIA MARISTA DO RIO GRANDE DO SUL (PMRS). **Política Institucional de Proteção à Criança e ao Adolescente**. Edição 2014. Porto Alegre, RS.

SARMENTO, Manuel Jacinto. VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos. (Org.) **Infância (in)visível**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2007.

SEBER, Maria da Glória. **A construção da inteligência pela criança**. São Paulo: Editora Scipione, 2002.

SOUZA, Gisele. **A criança em perspectiva: o olhar do mundo sobre o tempo infância**. São Paulo: Cortez, 2007.

UNIÃO MARISTA DO BRASIL (UMBRASIL). **Evangelização com as infâncias: no Brasil Marista**. Brasília, DF. 2016.

INFÂNCIAS

Nosso jeito de compreender e atuar junto às crianças. Posicionamento que ilumina, incentiva e desperta possibilidades.

Rede Marista

Província Marista Brasil Sul-Amazônia

Coordenação Editorias e Redação do Posicionamento

Membros do Comitê Infâncias da Rede Marista:

Andreia Mendes dos Santos

Carlos Alberto Mariani

Débora Marcela da Costa de Oliveira Campos

Felipe Madrid Drews

Ir. Sandro Bobrzyk

Karen Theline Cardoso dos Santos da Silva

Loide Pereira Trois

Maria Inete Rocha Maia

Produção e supervisão editorial

Assessoria de Comunicação e
Representação Institucional

Design Editorial

Carolina Fillmann – Design de Maria
www.designdemaria.com.br

Revisão

Irany Terezinha Fioravante Dias





INFÂNCIAS

Rede Marista

Rua Irmão José Otão, 11

Bom Fim – Porto Alegre/RS

(51) 3314.0300 – redemarista.org.br